



"Educação como prática de Liberdade":  
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)  
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9916 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT06 - Educação Popular

**SILÊNCIOS E VOZES DAS MULHERES NA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA:  
PROBLEMATIZAÇÕES A PARTIR DO**

Cristina Luisa Bencke Vergutz - UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL

Aline Mesquita Corrêa - UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul

Cheron Zanini Moretti - UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul

Agência e/ou Instituição Financiadora: PROSUC/Capes

**SILÊNCIOS E VOZES DAS MULHERES NA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA:  
PROBLEMATIZAÇÕES A PARTIR DO "NÓ HISTÓRICO" E DA "DO-  
DISCÊNCIA"**

**RESUMO:**

Esse trabalho faz parte de uma pesquisa realizada em uma Escola Família Agrícola situada no sul do Brasil. E, tem como objetivo problematizar os silêncios e as vozes das mulheres agricultoras, monitoras e estudantes a partir do "nó histórico" e da "do-discência" presentes na Pedagogia da Alternância. As reflexões apresentadas foram metodologicamente construídas a partir da observação participativa e da realização de entrevistas semiestruturadas, mais bem, através do diálogo estabelecido com essas mulheres em diferentes momentos de sua atuação na escola e participação na pesquisa. Tais reflexões foram tramadas a partir da metáfora do "nó", conforme proposto por Heleieth Saffioti e as relações de "do-discência", de acordo com Paulo Freire. A partir disso, entende-se que existe tanto unidade quanto contradições da experiência pedagógica nessa EFA, e que a relação entre educação e trabalho é fundamental para explicitá-las; além disso, as mulheres buscam *outras* formas de pensar, ser, estar, produzir e reproduzir a sua própria existência (re)localizando-se na história e no processo pedagógico.

**Palavras-chave:** Escola Família Agrícola. Educação do Campo. Experiência.

Em nossas andarilhagens pela pesquisa participativa, as perguntas que nos *sulearam* permitiram não apenas aproximações, mas diálogos entre a educação popular, a educação do campo e a pedagogia da alternância. E, por dimensões teórico-práticas e político-pedagógicas, foi com mulheres e homens "esfarrapados do mundo" que buscamos por um mundo bonito, justo e fraterno para todas/os - um inédito viável. Assim, a presente escrita está vinculada às investigações que têm sido comungadas, em especial nos últimos cinco anos, junto a uma Escola Família Agrícola (EFA) no sul do Brasil.

O objetivo, nesse trabalho, é o de problematizar os silêncios e as vozes das mulheres agricultoras, monitoras e estudantes a partir do "nó histórico" e da "do-discência" presentes na Pedagogia da Alternância realizada nesta EFA. Desse modo, as reflexões que ora

apresentamos foram metodologicamente construídas a partir da observação participativa (BRANDÃO, 2006) e da realização de entrevistas semiestruturadas, mais bem, dialogadas com essas mulheres (LÜDKE; ANDRÉ, 1986). Para tanto, foram tomados os devidos cuidados éticos de consentimento livre e esclarecido quanto aos propósitos da pesquisa e as suas implicações - partilhados na trajetória educacional na EFA tanto quanto no Grupo de Pesquisa. As análises e as problematizações foram tramadas a partir da metáfora do "nó", conforme proposto por Heleieth Saffioti (2015) e as relações de "do-discência", de acordo com Paulo Freire (1996), possibilitando uma articulação entre as contradições que se "emaranham" na vida cotidiana dessas mulheres tanto quanto uma unidade entre os papéis que ocupam no processo educativo na Pedagogia da Alternância (PA).

A PA considera os diferentes tempos e espaços no processo de construção do conhecimento, priorizando a relação educação-trabalho bem como os saberes feitos da experiência cotidiana e o conhecimento. Assim, os/as educandos/as estabelecem novos sentidos e significados de cultura e de ciência com o popular. A alternância entre o tempo-escola e o tempo-comunidade é mediada por um conjunto de instrumentos pedagógicos que se organizam por ações coordenadas e dialogadas entre educadores/as, educandos/as e família. A observação participante da PA dessa EFA, permitiu-nos aproximá-la da compreensão freireana sobre a docência-discência. Conforme Freire (1996), não há docência sem discência porque ambas possuem uma unidade dialógica de tal forma que quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende também ensina. Nessa perspectiva, todos/as, a partir dos diferentes lugares que ocupam no processo educativo, ensinam e aprendem em comunhão, mediatizados pelo mundo. A PA está em permanente construção e, por isso mesmo, os instrumentos pedagógicos são organizados conforme as vidas de todos os sujeitos de conhecimento, promovendo a "do-discência". Essa experiência pedagógica reúne características da teoria da ação dialógica: a co-laboração, a união, a organização e a síntese cultural (FREIRE, 1987) ao longo de seu processo, o que implica em investigação temática e ação política e educativa como síntese. Na EFA, cada ano do Ensino Médio está organizado por temáticas, da seguinte forma: no primeiro, "eu, a família e a terra"; no segundo, "a comunidade"; e, no terceiro, "o econômico-produtivo e o social-humano" que, a partir de todos registros do processo de pesquisa e de estudos, elabora-se um Projeto Profissional do/da Jovem cuja autoria deve ser compreendida nas relações (re)produtivas.

No entanto, conforme enunciado anteriormente, o sentido unitário da experiência do-discente está articulado a um "nó". Ou seja, a partir de contradições que estruturam a sociedade: classe, gênero e raça/etnia. Apesar de se apresentarem de modos distintos, consubstanciam-se ao longo da história podendo trocar de posição na dominação, dadas às condições políticas, econômicas e sociais vigentes. Assim, Saffioti (1987) apresenta essa metáfora para explicar a indissociabilidade entre as noções de exploração e de dominação, tratando-as em sua unidade contraditória. Conforme a autora, a ideia de "nó" permite afirmar a historicidade do fato social, pois o patriarcado é categoria imprescindível para a compreensão da realidade das mulheres nas relações sociais hierárquicas, bem como as de raça/etnia com as de classe social.

Como participam as mulheres e que papel cumprem no processo pedagógico? Como se constituem os seus silêncios e as suas vozes? Com isso, justificamos a nossa pré-ocupação com o "nó histórico" da PA e a experiência do-discente. O nó histórico dessa pedagogia começa a ser atado na França, em 1935, em um contexto de crise econômica, no período entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, em uma situação de violência institucional que reverbera na ausência de um currículo escolar articulado às necessidades e à realidade dos camponeses. Assim, surge a primeira *Maison Famille Rurale* (MFR) que impulsionou a busca por alternativas pedagógicas capazes de garantir não somente a produção econômica, mas também a educação contextualizada. Foi na defesa de um ensino vinculado à materialidade da

vida que a alternância entre os tempos-espços se apresentou como uma possibilidade pedagógica, relacionando o trabalho à educação. Mais tarde, no início da década de 1960, a PA chega à Itália. E, é esse modelo pedagógico que chega ao Brasil, mais especificamente, em 1968, no estado do Espírito Santo, em um contexto de ditadura militar. Porém, emergiram resistências populares diante da desumanização, censura e repressão no país. Isto é, as chamadas “minorias sociais” estavam abertas às alternativas pedagógicas que fortalecessem a luta contra o estado social e político antidemocrático em que se encontravam (NOSELLA, 2012). Assim como, ainda estavam presentes as inovadoras experiências educacionais nos círculos de cultura popular e o método Paulo Freire, realizadas em anos anteriores.

Existe uma importante produção historiográfica sobre a PA e, com recorrência, é mencionada em teses, dissertações e artigos acadêmicos. Recentemente, um diário escrito pelo padre Abble Granererau (1885 – 1987), postulado pelo movimento nacional e internacional das EFAs como "criador" da primeira MFR, recebeu uma nova edição (GRANEREREAU, 2020). Nessa, podemos identificar a preocupação de Granererau em proporcionar acesso à educação para as jovens agricultoras, assim como há um cuidado em citar as mulheres que estiveram junto a ele na implementação da proposta pedagógica. No entanto, pela descrição realizada é evidenciado que a educação para as mulheres estava voltada predominantemente para os trabalhos de cuidado e domésticos. Nosella (2012), em um estudo muito conhecido, destaca a participação política e pedagógica de dois sujeitos no processo da alternância: a Igreja e a Família. Nossa compreensão é a de que a centralidade dessas duas instituições sociais vai constituindo uma pedagogia das vozes e dos silêncios, uma vez que são hospedeiras da racionalidade moderna patriarcal, colonial e eurocentrada que invisibiliza as singularidades e as diversidades dos sujeitos que são essenciais para que a PA aconteça, em particular, as mulheres - educandas, educadoras e agricultoras na EFA. Essa afirmação pode ser identificada no diálogo que tivemos com Arleide (2020), professora e companheira de militante das EFAs, quando expressa indignação e questionamentos sobre o seu papel no movimento: "eu criei filhos sozinha (...) porque ele ficava muito longe por muito tempo." Ela conta ainda que a missão dele "era levar a pedagogia da alternância, levar a formação" porque ele era considerado "o cérebro da instituição em termos de ideia, como funcionava a Escola Família Agrícola". Da mesma forma, Bibiana (2020) reitera o papel dos monitores quando diz que: "acho que ele [monitor da EFA] consegue se dedicar à tudo que ele faz na escola ou mentalmente focado naquilo ali, porque eu mantenho e levo a base, deixo tudo pronto, fica tudo comigo, acho que fica sempre mais fácil pra ele". Através do "nó histórico" podemos observar, portanto, que a PA ignora e/ou invisibiliza a existência das mulheres e de suas contribuições pedagógicas.

No entanto, as mulheres encontram na sua experiência comum, no trabalho e na escola, espaço para as suas vozes, revelando as contradições do processo pedagógico. Conforme se revela em falas e reflexões: "não encontramos muitas facilidades como mulheres em qualquer espaço, mas podemos sim encontrar pessoas, principalmente outras mulheres, que nos ensinam e nos guiam e tornam nossos caminhos mais fáceis" (Natália, 2020); “nos fortalecer umas com as outras e perceber que somos capazes de fazer as coisas e não só isso, somos qualificadas no que fazemos” (Sílvia, 2020).

A partir disso, nossas investigações foram nos possibilitando compreender a urgência e a necessidade de tramarmos *outros* olhares para esta história e para as práxis da pedagogia da alternância. Há indícios de supressão de conhecimentos e ações entranhadas em um modelo societal patriarcal dominante, ao mesmo tempo em que há uma diversidade latente e produtora de conhecimentos por diferentes sujeitos que a *família* não nos permite enxergar: as “epistemologias da vida ordinária” (GEBARA, 2015) que pelo trabalho do cuidado e doméstico asseguram a vida das pessoas e que são invisibilizados pela legitimação de uma epistemologia mestre (ALCOFF, 2016), essa que se desenha como androcêntrica e

heteronormativa validando e consolidando o sistema-mundo. Bruna (2020), egressa e monitora da EFA, expressa essa expectativa normativa quando diz que "nunca fui incentivada a aprender a andar de trator e, mesmo que eu fosse, era até certo ponto 'ah, tu tem que saber andar prá fazer alguma coisinha leve', mas nunca vai ser uma responsabilidade minha saber preparar a terra". Angelita (2020), agricultura e mãe de estudante egresso da EFA, reforça essa compreensão sobre a experiência quando a sua sexualidade é questionada pelo trabalho que realiza: "fui trabalhar numa fazenda para cuidar de terneiro com desmame precoce (...)falavam que eu não podia estar ali fazendo aquilo porque era coisa de homem. Me chamam de "machorra" desde pequena, ainda sinto sobre isso".

Nesse sentido, como uma possibilidade de desnaturalização da história oficial da pedagogia da alternância brasileira a partir de um olhar *desde o Sul*, ou como nomeia Torres (2017) *desde Abajo*, nossas problematizações apontam para a necessidade de tornar visível e presente as ações e reflexões dessas mulheres. Ou seja, de buscarmos superar as estruturas de dominação e exploração que tendem a ofuscar o nosso olhar para tudo aquilo que não está incorporado em seu padrão segregador (FREIRE, 1987). Nesse sentido, a "teoria do nó" de Saffioti parece ser uma interessante maneira de articular as relações estruturais com as contextuais no campo pedagógico, uma vez que há "nós frouxos" que conduzem à libertação: "eu mudei totalmente a minha concepção de mundo (...) eu posso fazer o que eu quiser, eu sou dona de mim!"(Suellym, estudante 3º ano da EFA, 2020); "sendo mulher lá dentro [da EFA] a gente descobre que tem um valor imenso na agricultura (...) a escola proporciona a gente mudar o pensamento e a gente vê que nosso trabalho é trabalho mesmo e não uma ajuda. E dentro da escola, nós como mulheres temos o nosso valor" (Catiúcia, estudante 3º ano da EFA, 2020); e, "me sinto uma mulher negra, forte e persistente, lutando diariamente pelo meu espaço diante da sociedade" (Letícia, egressa, 2020).

Portanto, o *nó* histórico da pedagogia da alternância aponta para a possibilidade da superação daquela sua versão que se faz nos moldes do sistema-mundo, que têm nas mulheres a reprodução da vida a sua força na acumulação do capital. Como podemos observar, as participantes da pesquisa demonstram tanto unidade quanto contradições da experiência pedagógica na EFA. Elas se "emaranham" em *outras* formas de pensar, ser, estar, produzir e reproduzir trazendo para existência uma história da pedagogia da alternância emergente com as suas e outras epistemologias tramadas com o "ser mulher".

## REFERÊNCIAS

ALCOFF, Linda Martín. Uma epistemologia para a próxima revolução. \* Texto original "An epistemology for the next revolution", publicado em *Transmodernity: Journal of Peripheral Cultural Production of the Luso-Hispanic World*, v. 1, n. 2, 2011, p. 67-78. Tradução: Cristina Patriota de Moura. **Sociedade e Estado** [online]. 2016, v. 31, n. 1 [Acessado 15 Junho 2021], pp. 129-143. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100007>>.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (Org). **Pesquisa participante**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 37.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GEBARA, Ivone. **As epistemologias teológicas e suas consequências**. In: NEUENFELDT, Elaine; BERGESCH, Karen; PARLOW, Mara (orgs). *Epistemologia, Violência e Sexualidade: Olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2015. pp.31-50.

GRANEREAU, Abbé. **O livro de Lauzun onde começou a pedagogia da alternância.** Fortaleza: Edições UFC, 2020.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

NOSELLA, Paolo. **Origens da Pedagogia da alternância no Brasil.** Vitória: Edufes, 2012.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. **Gênero, patriarcado e violência.** 2. ed. São Paulo: Expressão Popular; Fundação Perseu Abramo, 2015.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. **O poder do macho.** São. Paulo: Moderna, 1987.

TORRES, Afonso. **Hacer historia desde abajo y desde el sur.** Bogotá, Colombia: Ediciones Desde Abajo, 2017.